

DIÁRIO BREVE DE UM AUDIÓFILO

Intimidade violada

No prazo limite não tinha nada escrito para o DNA. Adomeci ao canto da(s) sereia(s). Em desespero de causa, enviei o diário de bordo: está na moda violara própria privacidade – como se alguém estivesse interessado na nossa vidinha...

TEXTO DE JOSÉ VICTOR HENRIQUES

DOMINGO – O «SUBWOOFER» MARTIN LOGAN

Depth, uma verdadeira carga de profundidade, já chegou. A Imacústica enviou-o para eu poder tirar o máximo partido do «canal de graves» do Krell SACD Standard. E juntou um cabo Nordost. Mas isto não é atar e pôr ao fumeiro. É preciso «queimá-lo», colocá-lo, afiná-lo: frequência de corte, nível, fase (ou será polaridade?). Bob Katz é o meu mestre. E o CD «The Raven», de Rebecca Pidgeon, Chesky JD115, é o meu instrumento. Na faixa «Spanish Harlem», a voz de Rebecca é acompanhada por um contrabaixo numa progressão clássica: 49-62-73 / 65-82-98 / 73-93-110 (em Hertz) que cobre todo o espectro de graves. Todas as três notas de cada sequência têm de soar ao mesmo nível. Caso contrário, é sintoma de existência de ondas estacionárias. O meu «62» está com o colesterol um pouco alto; por outro lado, o «49» está ligeiramente anémico: ambas situações típicas de uma sala pequena. Nada que não se possa resolver com um «subwoofer». E nem sempre para reforçar o «49», também se pode cancelar o «62»...

SEGUNDA – TENHO DOIS AMORES E NÃO SELDE

qual gosto mais: Krell SACD Standard ou Chord DAC64. Refiro-me à reprodução de CD. Pela primeira vez um leitor (agora refiro-me ao Krell) dá água pela barba ao DAC64. Não é melhor em tudo, é apenas diferente: o grave do Krell é mais tenso e articulado; o do DAC64 mais cheio e encorpado, e isso afecta todo o resto do espectro. O DAC64 tem mais informação no agudo; o Krell integra melhor agudo e registos médios. O DAC64 é mais emocional na reprodução da voz humana: as pessoas também são assim, por vezes excedem-se - e não é isso que as torna mais belas? O Krell é mais científico: maior definição, com recorte mais fino das figuras em palco, e nunca perde a cabeça –always in control. Mas as pessoas perfeitas podem criar anticorpos nas que o não são. O DAC64 pinta. O Krell fotografa. Sofro: estou dividido. Hei-de resolver esta equação.

TERÇA – O KRELL SACD STANDARD NÃO TEM «gestão de graves» em multicanal: sai tudo cá para fora ao natural. Desde que na outra ponta



Intimidade violada (foto Sophia, cortesia Wilson Audio)

estejam 5+1 colunas, sendo o «1» um «subwoofer», claro. O SACD da «Abertura 1812» (Telarc) tem entre as faixas 8 e 14 um teste de canais com locução feita por uma criança. Sem «sub» o canal LFE do Krell (low frequency extension) fica mudo. E não se pode distribuir o seu conteúdo pelos canais frontais. Com o Sony SCD XA-9000es pode (ver «Combate do Ano» em www.hificlube.net). Contudo, na reprodução das faixas musicais (e que música, caramba!), não parece faltar nada. Isto mesmo sem recurso ao «sub». Mistério. Irv tinha avisado: todos os canais são de banda larga.

QUARTA – CHEGA DE MÚSICA. VOU APROVEITAR

o facto de o projector Yamaha DPX-1000 ainda estar cá em casa. Ligo o Krell Showcase e abro-lhe as goelas (tenho uma sala só para mim isolada da família e dos vizinhos). Vamos aos concertos: Peter Gabriel, Secret World Live. Detesto este pseudointelectualismo étnico. A imagem é péssima, cheia de grão. O som DTS é assim-assim. Sai a meio do concerto.

Elton John, em Nova Iorque, Live At The Madison Square Garden. What a surprise: grande som DTS! Pode ser pimba mas é um verdadeiro artista: esforça-se. A imagem é desfocada e em tons pastel. Terá Elton exigido que não o ficassem com nitidez? Eu creio que se trata de

excesso de compressão: o concerto é longo (mais de duas horas) e tem a opção por som PCM, DD e DTS. Ora para caber tudo no disco foi preciso apertar. Excelente realização: o envolvimento do espectador é total. Público completamente rendido: muitas miúdas giras e alguns gays coloridos.

James Taylor At The Beacon The Beacon Theatre: concerto memorável em Nova Iorque. Gostava de ter lá estado. O suor a escorrer-lhe pelo rosto. O público entre o interessado e o enfadado. Se fosse cá teriam gritado: ó James limpa a careca! A imagem e o som Dolby Digital 5.1 têm momentos de excelência absoluta: a harmonia entre a voz solista e o coro e o som da guitarra dedilhada arrepiam. E a loirinha do coro está perdidamente apaixonada pelo patrão, algo que não é possível detectar nem mesmo na versão SACD multicanal (som de alta resolução sem imagem). Quem não vê caras, não vê corações...

QUINTA – LEIO OUTRO ARTIGO DE BOB KATZ,

agora sobre «jitter», e fico intrigado. O «jitter» é um tipo de distorção digital de origem temporal (clock). A solução é tornar o «clock» redundante. Sem «clock» não há «jitter». O registo «assíncrono» de um CD no disco rígido de um computador elimina o «jitter» e resulta numa cópia melhor que o original. Já pensaram bem? a cópia

de um CD no computador (deve armazená-la no disco rígido primeiro) soa melhor depois de transcrita para CDR que o original! Não hão-de as editoras discográficas exigir mais protecção...

O Chord DAC64 também armazena toda a informação numa memória RAM (fica preventivamente retida durante 4 segundos sem culpa formada) e só depois a deixa sair ordeiramente (reclock). Neste caso, todo o «jitter» a montante, incluindo o introduzido pelos cabos, é irrelevante. Cabo coaxial SPDIF, balanceado AES/EBU ou óptico é igual ao litro, diz Katz. Fui experimentar. O DAC64 é esquisito com o seus parceiros (transportes) e com cabo coaxial recusa-se mesmo trabalhar com alguns deles, o Krell SACD Standard incluído. Mas com cabo óptico torna-se tolerante e ecuménico. E até o som ganha outra «religiosidade». Engoli um sapo... óptico.

SEXTA – PEGUEME COM O PESSOAL DO AUDIO

Clube (<http://www.msn.groups/clubedoaudio>) por causa dos amplificadores OTL Atma-Sphere e das colunas de «ribbon» Apogee. Questões de impedâncias e factores de amortecimento, válvulas e transformadores, que não me atrevo a transcrever aqui sob pena de levar a D. Emília à beira de um ataque de nervos (tenho que ter cuidado porque ela agora tem lugar cativo na secção de emails). Mas foi giro. Eu e o Lpleao divertimo-nos à grande. Meteu discussão acesa, citações e arrepanhar de cabelos. E um ou outro insulto benigno: sua besta, seu ignorante! Gostava de ter discussões destas na minha página (www.hificlube.net). Mas os meus leitores são tão passivos. E depois perde-se tanto tempo e não se chega a lado nenhum...

SÁBADO – CHEGARAM FINALMENTE AS TANNOY

Sensys DC2 com altifalante dualconcêntrico e um «supertweeter» no topo, tipo cereja no bolo. Fui o primeiro a dar notícia da sua existência. Honraram-me com a audição do primeiro par que deu à costa na ocidental praia lusitana. Das peripécias da visita desta escocesa marota com um brilhinho nos olhos darei pormenores em breve.

DOMINGO – OUTRA VEZ? ENA, JÁ ME SAFEI DESTA... C